



## As origens do patriarcado segundo Humberto Maturana

*Sandro Adrián Baraldi*



A colonização acabou quando os colonizadores delegaram à colônia independência política, mas deixou todo um arcabouço racional colonial dos anos que a oprimiu, arcabouço este que não desejamos porque mesmo sem o colonizador optamos por viver uma forma colonial de opressão causada por nós mesmos por não saber o que fazer com a libertação da estrutura epistemológica colonial. Em outras palavras, o colonizador foi embora, mas deixou suas estruturas mentais intactas nos colonizados e agora estagnamos nessa reprodução ancestral.

Se não ficou claro, repito de outro modo: estamos livres das imposições opressoras do colonizador para viver da nossa maneira, mas não sabemos qual é a nossa maneira, nunca aprendemos, e assim repetimos as estruturas racionais do colonizador por mera falta de imaginação.

Por isso, vemos nos jornais “acontecimentos exóticos” como nazistas latino-americanos ou eugenia brasileira ou o racismo contra negros de um povo “não branco” formado em sua maioria por “quase brancos quase pretos” (letra da música “Haiti” do Caetano Veloso). Essas ações e mentalidades excludentes foram trazidas por uma etnia branca eurocêntrica – o colonizador – em certo momento histórico e imposto pela violência física e simbólica. Sistemática e metodologicamente certos comportamentos foram valorizados e outros suprimidos ou desvalorizados construindo por gerações um formato adequado à sede de dominação dessa etnia

pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade (MATURANA, 2021, p. 37).

Ou o que chamamos de Cultura Patriarcal.

Estes “acontecimentos exóticos” não são originários de um povo que foi oprimido por séculos, me refiro tanto aos povos originários brasileiros quanto aos povos “importados” para trabalhar, imigrantes alemães, italianos, japoneses, entre outros, na reconhecida tentativa de “branqueamento” do Brasil, mas estão perfeitamente de acordo com a história dos povos colonizadores. O nazismo é uma reação à primeira guerra mundial; o racismo contra negros africanos aconteceu no encontro com o povo português e suas necessidades econômicas; e os diversos extermínios foram originários do encontro do colonizador com culturas diferentes durante a disputa de um mesmo território.

No Brasil, os brancos e os quase brancos desprezam os negros e os quase negros por razão alguma. Não haverá um glorioso retorno para a Europa porque os nascidos no Brasil são estrangeiros lá. Os neo-nazistas brasileiros, quase brancos tratados como pretos, por quase pretos quase brancos, não sabem porque são nazistas. Esses desorientados se apropriaram de um modelo que fez algum sentido no país que deu origem a essa epistemologia. Só para esclarecer brevemente, o arianismo foi um culto implantado pela Sociedade Thule que se originou após a I Guerra Mundial na Alemanha e dele derivou uma filosofia eugenista nacionalista e pangermânica como fruto dessa reação ao resultado da I Guerra. Mas no Brasil não há porque haver uma reação às condições impostas pela I Guerra como houve na Alemanha. E além disso os “arianos” ou hiperbóreos, raça que habitaria, segundo o mito, a extremidade norte da terra, além do vento norte, são uma raça de brancos altos loiros e de olhos azuis, vikings, que descendem de uma raça setentrional originária da ilha mística de Thule, a ilha que fica na borda do mundo. No Brasil, os quase brancos quase pretos não combinam com o cânone principal dessa filosofia e imaginar um pan-brasilianismo baseado no poder internacional minúsculo que o Brasil possui é só risível. Sobra um nacionalismo equivocado que não percebe a verdadeira dimensão de um “pan-

brasilianismo”. E as diferentes eugenias que acontecem o tempo todo aqui, com mulheres, pobres, velhos, indígenas, gordos, homossexuais ou qualquer outra “aleatoriedade”, não são disputas organizadas por dois povos diferentes procurando soberania; são só uma cópia “ruim” do que o colonizador fazia na disputa dos recursos de um território, isto é, o extermínio sistemático de um povo.

Quando um brasileiro branco quase branco quase preto da classe alta brasileira vai para Europa, ele não é visto como um igual, ele é visto como um esnobe de segunda classe. Mesmo com dinheiro, é discriminado. O termo “brasileiro” adquiriu uma conotação negativa. O livro do Giuseppe Cocco, *Mundobraz*, trata do repúdio mundial por um suposto devir aos moldes brasileiros, um devir-Brasil indesejado: “notamos que, desde a década de 1980, a referência ao Brasil para qualificar o processo de globalização é sempre pejorativa” (COCCO, 2009, p. 26). Frantz Fanon, em *Peles negras, máscaras brancas*, já fez esse alerta de como o colonizador vai enxergar sempre o “ex-colonizado”: “o negro [colonizado] escravo de sua inferioridade, o branco [colonizador] escravo de sua superioridade, ambos se comportam em função de uma linha mestra neurótica” (FANON, 2020, p. 45). Segue que mesmo que haja um pan-brasilianismo de fato em andamento, é desorganizado, não tem método nem crença consistentes com as suas ações.

Não faz sentido seguir esse modelo de ação do colonizador principalmente porque fracassou: “Em todas as dimensões, o neoliberalismo foi um fracasso” (STIGLITZ, 2020, s/p). Stiglitz, economista ganhador do prêmio Nobel de Economia, afirma que estamos vivendo uma crise tripla: de capitalismo, do clima e de valores. Ou seja, é uma crise geral de tudo. Há uma solução? Qual? Sim, mudar as narrativas que sustentam esse modelo de “se levar a vida”. E a filosofia – filosofia é uma narrativa que se origina das conversações de um povo que organiza os atos e as emoções – tem essa responsabilidade.

A primeira coisa a se fazer é analisar as atuais narrativas vigentes e discriminar o que se quer manter e o que se quer mudar. O método é simples, mas é muito trabalhoso, no entanto, absolutamente necessário, visto que são essas narrativas que melhoram ou pioram a vida.

Narrativas são essencialmente epistemologias, portanto teorias; tornam-se práticas quando aplicadas. Algumas pistas analíticas já temos. Foram oriundas da pergunta: qual é a “metafísica, ou, menos pretenciosamente, seus costumes e as instâncias às quais remetem” (FANON, 2020, p. 77) que sustenta estas narrativas? Foi cavando fundo a epistemologia da cultura mundial contemporânea que descobrimos esse eixo que articula nosso dia a dia – a Cultura Patriarcal – cultura milenar insidiosa que está no alicerce das nossas ações diárias, como já foi mostrado aqui. Então, o negócio é mudar esse eixo que organiza a cultura mundial atual.

Como mudar essa estrutura? O *quefazer* deve se concentrar nas práticas de pequenas ações, nas microrrelações entre um e outro, e perscrutar o que é agrura e o que é a felicidade. Os estudos sobre decolonialidade surgiram para este fim. Já está claro que nossas preferências atuais exigem uma mentalidade que seja nossa, mesmo que utilize, a princípio, dos instrumentos mentais deixados pelo “colonizador patriarcal” porque é o que temos. Sabemos que estamos livres do colonizador patriarcal, mas não de sua mentalidade; sabemos que nossa origem genética vem de uma mestiçagem de povos originários e de povos que foram importados, como os negros, os italianos, os japoneses e outros. O que criou uma cultura mestiça inespecífica e complexa. Também sabemos que esses modelos mentais importados do “colonizador” nos deixam muito infelizes, o que por si só indica que as coisas não vão bem.

Esta tarefa exige a discriminação do imediato no dia a dia. Definir quem queremos ser no agora, já, e o que queremos porque viver é estar *in media res*, no meio de um caminho que se espera que seja trilhado da maneira que preferirmos. Queremos continuar vivendo escravizados pelos titereiros que nos controlam? Se não, o que é não e o que é sim? Ou nada presta? Por si só o questionamento deste modo de vida demonstra que não podemos abrir mão de tudo, interpor uma dúvida já é um ato mental apreendido de uma mentalidade que nos perpassa, portanto não iremos começar do zero porque isso não existe. Temos que começar por este entremeio do caminho que já temos.

Com isso em mente, compartilho algumas ideias das origens da nossa cultura ocidental desenvolvidas por Humberto Maturana – com as quais me identifico – para serem apreciadas.

Diz ele que a vida acontece pelo emocionar – desejos, preferências, medos, ambições, etc. – e que a razão foi criada depois como instrumento das emoções. A razão utiliza uma metodologia linear, sequencial, de causa e efeito, para facilitar o entendimento deste cosmos. Mas a emoção surge de eventos tanto lineares quanto não lineares, racionais e irracionais. Acontecimentos, processos, nunca são sequenciais, são sempre uma nuvem de eventos juntos que por facilidade teórica são recortados conforme nossos interesses e colocados “em linha”. Veja-se, por exemplo, como a pandemia de COVID-19 não tem nada de linear, ela não só causa mortes, mas causa também sequelas a quem foi vítima dela; sofrimento de quem perdeu pessoas queridas; estrangulamento dos sistemas de saúde, que causam mais mortes indiretas; perda de profissionais da saúde por desestímulo social e econômico; multiplicação de variantes virais ou porque as pessoas não querem ou porque não podem se vacinar ou porque faltam medicamentos ou porque a adesão ao isolamento e ao uso de máscaras é pequena; impacto econômico provocado pela situação geral; repúdio à base constituinte do sistema capitalista, o trabalho, que negando a importância da saúde das pessoas gera uma onda de demissões voluntárias; e tantas outras condições e consequências que não listei porque senão ficaria um exemplo muito extenso. O que pretendo mostrar é que os acontecimentos “rodopiam” em si mesmos causando efeitos em outros acontecimentos que também estão “rodopiando” e gerando efeitos e causas nas ações de todos os tipos. Puxamos fios de entendimento destes emaranhados novelos situacionais, mas não podemos esquecer que o que conseguimos captar é só parte de um todo maior.

Então, o racional organiza o emocional, mas é essa “nuvem” de eventos emocionais que importam a nós, seres humanos: bem estar, amizade, felicidade, diversão, interesses enfim: “é a emoção que define a ação” (MATURANA, 2021, p. 10). Este “emocionar” é compartilhado pela rede de conversações que se valem do *linguajar*:

Se observarmos o cotidiano, notaremos que aquilo que constitui a linguagem como fenômeno biológico relacional é a coexistência de interações recorrentes, sob a forma de um fluxo recursivo de coordenações de coordenações [sic] comportamentais consensuais. Doravante chamaremos esse processo de linguajar [...]. Ao mesmo tempo, perceberemos também que aquilo que distinguimos quando diferenciamos

emoções, em nós próprios e em outros animais, são domínios de ações, tipos de comportamento. Ao viver, fluímos de um domínio de ações a outro, num contínuo emocionar (vivenciar as emoções) que se entrelaça com nosso linguajar. A esse entrelaçamento chamamos de conversar. Sustentamos que todo o viver humano acontece em redes de conversação (MATURANA, 2021, p. 9).

As conversações que estabilizam um modo de existência é o que convencionamos chamar de cultura: “uma cultura é uma rede fechada de conversações [...] [e] as mudanças culturais acontecem como modificações das conversações nas redes coloquiais em que vivem as comunidades que se modificam” (MATURANA, 2021, p. 12).

Uma pequena, mas necessária, digressão: as emoções, ao contrário do que se pensa, são também construídas em comunidade.

Ao mesmo tempo, perceberemos também que aquilo que distinguimos quando diferenciamos emoções, em nós próprios e em outros animais, são domínios de ações, tipos de comportamento. Ao viver, fluímos de um domínio de ações a outro, num contínuo emocionar (vivenciar as emoções) que se entrelaça com nosso linguajar (MATURANA, 2021, p. 9).

Sei que estou me repetindo, mas é importante frisar que os incômodos que surgem das sensações não são apriorísticos: a raiva, por exemplo, é indicação para uma ação de uma determinada sensação, que resolvemos chamar de “raiva”. Todos sabemos o que é porque fomos ensinados a compreender tal específica sensação, e suas consequências.

Voltando da digressão: a Cultura Patriarcal foi formada por gerações de preferências à Cultura Matrística, de características bem diferentes. A Cultura Matriarcal é igual à Patriarcal só que gerida por uma mulher (MATURANA, 2021, p. 25), portanto falar de uma ou de outra dá no mesmo. Já a Cultura Matrística designa “uma cultura na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado em uma cooperação não hierárquica” (MATURANA, 2021, p. 25).

Como foi inventada a Cultura Patriarcal que hoje nos oprime?

Maturana conta que a Cultura Matrística, anterior à Cultura Patriarcal, foi muito importante para a configuração da Cultura Patriarcal. Estudos de restos arqueológicos encontrados na área do Danúbio, nos Balcãs e no Egeu, pela arqueóloga lituana Marija Gimbutas, sugerem que houve uma cultura que não valorizava a violência, a guerra, a superioridade e a distinção de gêneros, mas valorizava o cuidado, a cooperação e a igualdade. A mulher era mais valorizada por conta de seus óbvios poderes inerentes: a mulher é a geradora dos seres humanos, por isso os cultos religiosos dessa cultura de 12000 anos atrás tinham por centro uma deusa cuidadora e generosa. Animais de abate e pessoas comiam e dormiam juntos em suas habitações; tudo era distribuído entre todos. É por causa da existência dessa cultura que ainda mantemos no nosso imaginário esses valores colaborativos, senão nos limitaríamos a pensar apenas segundo os cânones patriarcais.

Por volta de 6000 a 7000 mil anos atrás, a Cultura Matrística é bem mais antiga, povos proto-patriarcais – chamados hoje de indo-europeus – que viviam seguindo migrações de animais que eram caçados, encontraram-se com os povos matrísticos e acabaram por trocar ideias que, penso eu, facilitavam a vida de ambos. Desta convivência, surgiram os pastores patriarcais. Imagino os povos proto-patriarcais nômades, vivendo em um ambiente estéril, desértico, gelado, seguindo animais pelas planícies e tendo que competir com outros animais predadores, sempre com frio, com sede, com fome, se valendo da violência como principal forma de defesa e de exploração de recursos e os povos matrísticos mais confinados, em localidades “paradisíacas”, com abundância de água e alimentos que cresciam do solo sem esforço, que se fechavam apenas quando o clima se tornava mais áspero, mais frio ou mais quente, cuja experiência mística criou uma deusa benfazeja, generosa e amigável, o contrário da experiência mística proto-patriarcal em que a sobrevivência é baixa, só acessível ao mais destruidor, o que forja um deus – e um modo de comportamento – assustador, exigente, disciplinador, vingativo (Cf. MATURANA, 2021, p. 65-67). E então os dois povos se encontraram e no contato compartilharam comportamentos: os povos matriarcais podem ter gostado da postura conquistadora dos proto-patriarcais e os últimos podem ter gostado das ideias de restrição – o que poderia ser a origem da propriedade privada, áreas delimitadas reservadas pela violência. Assim, surgiram povos pastores que não necessitam mais seguir migrações de animais, basta aprisioná-los e protegê-los – uma mescla de cuidado e violência.

Afirmamos que tal maneira de viver [a destruição do auto-respeito por meio do abuso corporal resulta na aceitação de uma situação de subordinação por parte de quem é abusado], em nossa cultura ocidental, surgiu com o patriarcado da maneira que propomos neste livro, isto é, com o estabelecimento da vida pastoril. Também acreditamos que aquilo que as mulheres aceitaram como condição legítima de convivência – a dominação e o abuso por parte do homem como patriarca – e que passou a ser a principal fonte de servidão e escravidão em nossa cultura, é uma consequência da expansão do espaço psíquico do patriarcado, por meio da apropriação das mulheres patriarcais e não-patriarcais na guerra, e sua subordinação mediante a sexualidade e o trabalho forçados. (MATURANA, 2021, p. 22).

A expansão do espaço psíquico do patriarcado começa com a submissão das mulheres matrísticas, líderes do sistema matrístico, aos homens patriarcais. Lembremos que a Cultura Patriarcal valoriza a dominação de quaisquer outras culturas e se estabelece silenciando-as. É exatamente assim que acontece até hoje com os discursos que valorizam o predador tomando a vida do predado; a sobrevivência do mais forte; a competição com a derrota do adversário; é uma cultura que sobrevive forjando inimigos. A hierarquia da estrutura familiar é o primeiro espaço de sua consolidação, seguido pela escola – não há escola neutra e os valores disseminados por ela são patriarcais, preparam o sujeito para as batalhas físicas e psíquicas com os inimigos que virão – e pelo ambiente social geral que reforça essa estrutura. Não há escapatória; de todo lado a Cultura Patriarcal se insinua: na competitividade e no oportunismo da economia; no silenciamento dos gêneros e no racismo; no conformismo religioso; no auto-ódio estimulado pelos discursos de inadequação, etc.

Creio que as três palavras que são a chave conceitual para a Cultura Patriarcal são: autoritarismo, oportunismo e silenciamento.

Para terminar com essa cultura, portanto, sugiro utilizar os significados que podem se opor a ela. O autoritarismo é uma “egolatria”, um amor por si mesmo desmesurado, o contrário seria utilizar o mesmo amor com algum equilíbrio entre o si mesmo e o outro, diminuir a intensidade do auto-amor e do auto-ódio e alcançar uma harmonia que ondula entre ambos os significados. O oportunismo é ter consciência da

fragilidade do outro e aproveitar-se desse momento para enfraquecê-lo ainda mais, até que o outro – o outro é também o estrangeiro, o inimigo – não tenha mais como reagir à submissão. Esse tipo de ação também enfraquece aquele que, no momento, está dominando pois cria um ambiente psíquico em que em outro momento também será presa. A melhor atitude, portanto, é ajudar desinteressadamente para que o outro se torne “amigo” e assim somam-se as qualidades do “amigo” em vez de criar um inimigo obcecado pela vingança. O silenciamento é o mais simples de combater, mas é também o mais propagado e reforçado instrumento de dominação. Bastaria dar voz a todos os que foram silenciados até hoje, as “minorias” silenciadas, mulheres, negros, etnias, LGBTQIA+, etc. “Dar voz” significa ouvir as experiências de sofrimento do outro para procurar alternativas mais felizes. É um processo ativo que tem que começar por aqueles que já têm voz; é uma tomada de consciência para uma igualdade expandida, porque o colonizador, o “silenciador”, já tem voz, por isso a tarefa que cabe a ele é de se auto-silenciar para que o outro tenha a possibilidade – que nunca teve – de falar.

É claro que tudo o que foi dito depende dos desejos individuais das pessoas que compõem uma coletividade para alcançar um mundo menos perigoso e mais feliz para se viver. É possível? É, sim, da mesma maneira que criamos esse mundo pavoroso em que cada um precisa estar atento a não ser destruído pelo outro no momento em que enfraquece, porque o enfraquecimento é inevitável, podemos mudar de atitudes para fazer outro mundo. Criar outra narrativa que seja de acolhimento das novas pessoas justamente para que não se tornem o horror que já somos/estamos.

### **Bibliografia**

COCCO, Giuseppe. *Mundobraz, O devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. UBU Editora, 2020.



MATURANA, Humberto R. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 6a edição, 2021.

STIGLITZ, Joseph. *Joseph Stiglitz: “Em todas as dimensões, o neoliberalismo foi um fracasso”*, <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596860-joseph-stiglitz-em-todas-as-dimensoes-o-neoliberalismo-foi-um-fracasso>>, 2020.

**Sandro Adrián Baraldi**

*Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, é editor da Revista Cactácea e pesquisador do Grupo de Pesquisa Mandacaru: educação e filosofia* < <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963> >.

ORCID: < <https://orcid.org/0000-0001-5055-2071> >.

Plataforma Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/6246489151782898> >.